

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: UM PANORAMA HISTÓRICO-CONCEITUAL DO USO DA TÉCNICA

Alexsandra de França
Fernanda Lúcia Pereira Costa
Renato dos Santos Fernandes
Wescley de Lira Mota
Denise Machado Duran Gutierrez

RESUMO

A retomada de discussões levantadas por escolas Sociológicas e das pesquisas de campo na Antropologia, tem estimulado outros campos científicos a fazerem uso de métodos e técnicas que, permitindo a sistematização de dados, possibilitam uma maximização da participação do pesquisador no seu campo de investigação, sem que isso implique na invalidade de dados coletados e interpretados. No campo das ciências humanas e sociais uma das principais técnicas que tem sido utilizadas como instrumento de coleta de dados com base na perspectiva de pesquisa qualitativa é a observação participante. Para alguns autores a importância dessa técnica reside no fato de se poder captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável na vida cotidiana. As ideias que compuseram o presente artigo foram apresentadas com o intuito de demonstrar a possibilidade do uso da observação participante enquanto método e técnica de coleta de dados que, mesmo considerando a participação direta do pesquisador no seu campo de pesquisa, com os riscos a equívocos que esse possa cometer, pode garantir a tão importante sistematização na coleta dos dados no trabalho de campo em pesquisa qualitativa aplicada à diversas áreas do conhecimento, com destaque à educação e saúde.

Palavras-Chaves: Observação Participante, Método, Técnica, Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

The resumption of discussions raised by Sociological schools and of field research in Anthropology has stimulated other scientific fields to make use of methods and techniques that, allowing the systematization of data, enable a maximization of the researcher's participation in their field of investigation, without that this implies the invalidity of data collected and interpreted. In the field of human and social sciences, one of the main techniques that has been used as a data collection instrument based on the perspective of qualitative research is participant observation. For some authors, the importance of this technique lies in the fact that it is possible to capture a variety of situations or phenomena that are not obtained through questions, since, directly observed in reality itself, they transmit the most imponderables in everyday life. The ideas that made up this article were presented with the aim of demonstrating the possibility of using participant observation as a method and technique of data collection that, even considering the direct participation of the researcher in their field of research, with the risks of misunderstandings that this one can commit, can guarantee the so important systematization of data collection in field work in qualitative research applied to different areas of knowledge, with emphasis on education and health.

Keywords: Participant Observation, Method, Technique, Qualitative Research.

INTRODUÇÃO

Observa-se, no cenário das discussões atuais a respeito dos métodos e técnicas científicas, a diferenciação e, por outro lado, a interligação entre os conceitos de pesquisas qualitativas e quantitativas. Sabe-se que essas discussões se originam e foram levantadas em meio às críticas aos métodos baseados no pressuposto positivista, que se fizeram fortemente na década de 70 gerando a chamada ‘*crise dos paradigmas*’.

Porém, é observado que ao longo da construção das ciências humanas e sociais a definição de seu objeto e a forma de estudá-lo colocou esse campo de conhecimento no âmbito das contestações, pois o mesmo não conseguiu obedecer aos pressupostos de uma ciência empirista baseada apenas na experimentação controlada e de um rigor metodológico, que implica o distanciamento do pesquisador. Ou seja, na perspectiva positivista de produção de conhecimento, qualquer participação por parte do pesquisador no seu campo de pesquisa compromete a fidedignidade dos dados e a possibilidade de generalização.

A retomada de discussões levantadas por escolas Sociológicas e das pesquisas de campo na Antropologia, tem estimulado outros campos científicos a fazerem uso de métodos e técnicas que, sem negar a necessidade de estudos sistematizados, permitem uma maximização da participação do pesquisador no seu campo de investigação sem que isso implique na invalidação de dados coletados e interpretados.

No campo das ciências humanas e sociais uma técnica que tem sido utilizada como instrumento de coleta de dados com base na perspectiva de pesquisa qualitativa é a observação participante. Atualmente, tal técnica é usada por pesquisadores de diferentes áreas, como por exemplo, saúde e educação, no entanto questiona-se sobre a forma como algumas observações são conduzidas. O questionamento sobre a condução da observação participante como técnica de coleta de dados é o elemento mobilizador para a construção do presente artigo que tem como objetivo traçar alguns aspectos históricos e conceituais do uso da técnica nas ciências humanas e sociais.

O Objeto de Estudo da Pesquisa Qualitativa e as Complexidades Metodológicas

De acordo com Boudon (1971) e Lazarsfeld (1969) (*apud* HAGUETTE, 2003), uma das características do método qualitativo se refere à existência de obstáculos que impedem a observação direta e a mensuração de certas variáveis. As razões para a utilização de métodos qualitativos ao invés dos métodos quantitativos, entretanto, podem divergir dependendo da orientação metodológica do pesquisador. Enquanto os quantitativistas justificam seu uso sob o argumento de impossibilidade de geração de dados estatísticos, ou por razões de custo e/ou rapidez na pesquisa; os qualitativistas afirmam a superioridade do método qualitativo, que fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais.

O debate, aqui considerado dicotômico, sobre a definição de pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa pode trazer alguns problemas, como evidencia Vieira (2004), ao pontuar que a fixação dos pesquisadores em um método talvez conduza à escolha de problemas específicos para ‘o método’. Isso pode ocasionar alguns desvios no que tange à seleção do que é relevante. Por outro lado, os pesquisadores dificilmente desenvolvem habilidades de alto padrão nos dois métodos. *“Na verdade, o ideal é que os diferentes problemas sejam investigados, de uma maneira complementar, a partir de visões tanto qualitativas como quantitativas”* (p. 16).

Nesse sentido, é relevante considerar o tipo de método mais adequado para cada tipo de objeto de estudo: os métodos quantitativos supõem uma observação comparável e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser (HAGUETTE, 2003).

A partir da idéia anterior é válido salientar que Lazarsfeld (1969) *apud* Haguette (2003) identifica três situações em que se presta atenção particular a indicadores qualitativos, sendo essas: 1. as situações nas quais as evidências qualitativas substituem a simples informação estatística relacionada a épocas passadas; 2. situações nas quais as evidências qualitativas são usadas para captar dados psicológicos que são reprimidos ou não facilmente articulados como atitudes, motivos, pressupostos quadros de referência, entre outros; e 3. as situações nas quais simples observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento de estruturas e organizações complexas que são difíceis de submeter à observação direta (*apud* HAGUETTE, 2003).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Portanto, com base em Minayo (2006), pode-se dizer que o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os homens fazem a respeito de como vivem, constroem suas práticas e a si mesmos.

Com isso ressalta-se aqui que as ciências humanas e sociais, segundo Santos (1988), serão sempre ciências subjetivas e não objetivas, como postulam as ciências naturais, por compreenderem os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações. Daí a necessidade de utilizarem métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntemente utilizados nas ciências naturais. Os métodos qualitativos permitem a obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético.

A Observação Participante na Construção do Trabalho de Campo

A antropologia e a sociologia lançaram mão de técnicas semelhantes na abordagem do real, especialmente no valor que alocaram à participação do pesquisador no local pesquisado e à necessidade de ver o mundo através dos olhos dos pesquisados. Parece-nos, entretanto, que existe uma diferença fundamental entre as duas disciplinas no que tange à razão da utilização da observação participante como técnica de coleta de dados. Enquanto a antropologia busca o sentido das coisas para melhor compreender o funcionamento de uma sociedade primitiva ou de um grupo humano, a sociologia, em sua vertente interacionista foca-se nos sentidos, nas definições e nas ações que indivíduos e grupos elaboram ao longo do processo de interação simbólica do dia a dia (HAGUETTE, 2003).

Minayo (2006) pontua que o texto considerado pelos antropólogos como um clássico sobre o trabalho de campo foi escrito em 1922, por Malinowski denominado *Os Argonautas do Pacífico*. Para a autora, embora considerando as concepções funcionalistas que o estudo reflete, a experiência transmitida e as bases metodológicas por ele lançadas continuam atuais, pois nos permitem a inserção na realidade empírica a partir dos seguintes elementos: 1. necessidade de ter conhecimento científico; 2. importância da observação participante; e 3. a utilização de técnica de coleta de dados, ordenação e apresentação das evidências.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Malinowski (1976), salienta que a coleta de dados referente a um grande número de fatos é uma das fases principais da pesquisa de campo, em que a responsabilidade do pesquisador não se deve limitar à enumeração de alguns exemplos apenas, mas sim ao levantamento de todos os fatos ao alcance. Nesse sentido, cada fenômeno deve ser estudado a partir do maior número possível de suas manifestações concretas através de um levantamento exaustivo e detalhado.

Com base nas ideias do autor uma série de fenômenos importantes não podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. Dessa forma, o método adequado para observar e registrar os aspectos imponderáveis da vida real e do comportamento típico não deixa de lado a subjetividade do observado e entende a interferência que ela possa ter, para além da coleta dos dados etnográficos cristalizados, “*porém, mesmo nesse particular, devemos empenhar-nos no sentido de deixar que os fatos falem por si mesmos*” (MALINOWSKI, p. 35).

A partir do que foi aqui destacado pode-se dizer que Malinowski se ocupou em desenvolver procedimentos teoricamente ligados à importância da observação participante e destacou métodos para selecionar, coletar e estabelecer dados. Mas, assim como o referido autor que deu suas contribuições como antropólogo, outros também têm se ocupado desse fazer na sociologia. Dentre eles destacamos os autores de base Marxistas: Pierre Bourdier e Karel Kosik, que vem contribuindo para a elaboração de argumentos, que pela sistematização do trabalho de campo, nos leva ao reconhecimento da observação participante para a construção do conhecimento das ciências humanas e sociais.

Bourdieu (2004) salienta que o campo científico:

é um mundo social e, com tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizados pela lógica do campo. Uma das manifestações mais visíveis de autonomia do campo é sua capacidade de refratar, reduzindo sob forma específica as pressões ou as demandas externas (p. 21 e 22).

Nesse sentido, as contribuições do referido autor para um levante teórico sobre o conceito de observação participante estão associadas ao fato que, embora Bourdieu critique a "*sociologia*

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

espontânea" e os problemas sociais vistos pelo prisma do senso comum, há a necessidade de irmos ao banal, ao cotidiano, procurando objetos a propósito dos quais se possam colocar problemas genéricos, assim enxergando através do pontual, do imediato, as disposições duráveis que funcionam como matrizes de percepções, de julgamentos e de ações (HERCULANO, 2000). Com isso, em lugar de estudar abstrações ele nos propõe o estudo das práticas profissionais e do campo de seu exercício onde exercem o poder simbólico, ou seja, o poder de criar realidades e inculcar interpretações. Sendo assim a participação do pesquisador no seu campo de pesquisa passa a ser uma condição indispensável para que se chegue à interpretação dos fenômenos investigados.

A participação direta do pesquisador com seus aspectos subjetivos também foi considerada por Kosik (1976), para quem a realidade é interpretada não mediante a redução a algo diverso daquele que pesquisa, mas explicando-a com base na própria realidade, mediante o desenvolvimento e a ilustração das suas fases, dos momentos e do seu movimento.

De acordo com as ideias do mesmo autor o processo de compreensão do sentido da ‘coisa’ é ao mesmo tempo criação, portanto o homem que busca descobrir o sentido cria para si mesmo um sentido correspondente. Este mesmo sentido, por meio do qual o homem descobre a realidade e o sentido dela, é um produto histórico – social.

A consideração aqui das ideias desses autores teve o propósito demonstrar que o estudo da realidade social pode e deve permitir a participação do pesquisador, sem que se negue a necessidade de elaboração responsável e comprometida na busca pelo saber científico. Portanto, o uso da observação participante é fruto do entendimento de muitos pensadores que se dedicam a discutir a realidade a partir de suas representações, significados e simbologias, e, dessa forma, remete à necessidade de uma certa objetividade, que seja considerada enquanto processo. Ou seja, a objetivação não está desvinculada dos elementos subjetivos constitutivos dos sujeitos em seus espaços sociais.

A Observação Participante como Método de Coleta de Dados

De acordo com Durham (1978) o método ou técnica da observação participante tem sido visto por alguns como se originando na antropologia, a partir dos estudos e experiências de campo de Malinowski. Para outros, como por exemplo Douglas (1973), nasceu na escola Sociológica de Chicago, na década de vinte (*apud* HAGUETTE, 2003). Ideia compartilhada também por

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Chizzotte (2001) que destaca o fato dessa técnica ter sido duramente contestada pelas pesquisas experimentais.

Haguette (2003), explicita que a observação participante não tem gozado de uma definição clara nas ciências sociais e distingue diferenças básicas entre algumas concepções, dentre elas as concepções de Eduard C. Lindemam, Florence Kluckhoh, Morris S. Schwartz, Charlott Green Schwart e Severryn T. Bruyn. Os dois primeiros, de acordo com a mesma autora, exibem a convicção de que a observação participante se resume a uma importante técnica de coleta de dados, empreendida em situações especiais e cujo sucesso depende de certos requisitos que a distinguem das técnicas convencionais, tais como questionário e entrevistas. Enquanto, Schwartz & Schwartz concebem a observação participante como instrumento de modificação do meio pesquisado, ou seja, de mudança social.

Quanto às ideias de Bruyn, a autora ainda enfatiza que esse difere dos demais autores por entender que a observação participante representa um processo de interação entre teoria e métodos dirigidos pelo pesquisador na busca de conhecimento não só da perspectiva humana como da própria sociedade.

Explicitando um pouco mais sobre as ideias de Schwartz & Schwartz (*apud* MINAYO, 2006), é possível dizer que a observação participante é definida como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e participa da vida desses no seu cenário cultural. Assim, o observador é parte do seu contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este.

Segundo Minayo (2006), a conceituação dos autores acima não pode ser considerada unânime no debate das ciências sociais. As controvérsias existem com relação à prática de observação, ao ‘o quê’ e ao ‘como’ observar.

Chizzotti (2001), que também concorda com a definição de que a observação direta ou participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, enfatiza que ‘o que’ e ‘como’ observar pode ter como objetivo uma descrição “fina” dos componentes de uma situação, sendo esses: 1. os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, 2. o local e suas circunstâncias, 3. o tempo e suas variações, 4. as ações e suas significações, 5. os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e 6. as atitudes e os comportamentos diante da realidade. “*A observação pode ser participante: experienciar e compreender a dinâmica*

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 dos atos e eventos, e recolher as informações a partir da compreensão e sentido que os atores atribuem aos seus atos” (IDEM, p. 90).

Otávio Cruz Neto (*apud* MINAYO, 1994) pontua que as questões centrais da observação participante estão relacionadas aos principais momentos da realização da pesquisa, sendo um deles a entrada em campo. As capacidades de empatia e de observação por parte do investigador e a aceitação dele por parte do grupo são fatores decisivos no procedimento metodológico e para serem alcançados requer-se criatividade por parte do pesquisador.

Como já destacado anteriormente, a observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas. Por outro lado, a pesquisa tradicional, embora também utilize com frequência a técnica da observação, costuma lhe atribuir algumas desvantagens, como: 1. o fato de que abrange apenas seus limites temporais e espaciais, isto é, eventos que ocorrem fora do período de observação não são registrados; 2. é uma técnica não econômica que exige muitas horas de trabalho do pesquisador; 3. requer interpretações por parte do observador, o que pode levar a inferências incompletas; e 4. a presença do observador pode interferir na situação observada (ALVES-MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 2002).

Ponderamos que nenhuma das desvantagens apontadas constituem problemas para as pesquisas qualitativas, considerando-se seus pressupostos e características. O limite temporal espacial só é problema quando a observação é a única técnica usada para a coleta de dados, o que não é o caso das pesquisas qualitativas, que se caracterizam pela utilização de múltiplas formas de coleta de dados. O consumo de tempo só parece excessivo quando comparado ao despendido em pesquisas baseadas em aplicação coletiva de questionários ou testes, que pode ser feito num único dia. Nas pesquisas qualitativas, porém, o consumo de tempo é inerente à necessidade de apreender os significados de eventos e comportamentos (ALVES-MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 2002).

Já a possibilidade de fazer inferências incorretas, não é exclusiva da observação participante, e, nesse caso, pode ser minimizada pelo uso de outras técnicas como, por exemplo, a checagem com os participantes das interpretações feitas pelo pesquisador. E, quanto à interferência do observador na situação observada, pode-se argumentar que esta fica minimizada pela permanência prolongada do pesquisador no campo, pois os sujeitos, com o tempo, podem se familiarizar com sua presença. Ou, pode-se considerar que as relações sociais que se estabelecem entre pesquisador e pesquisados não são diferentes daquelas que existem na sociedade, e como tal devem ser encaradas e discutidas (ALVES-MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 2002).

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Considerando os autores aqui referenciados pode-se dizer que as vantagens da observação participante são atribuídas a partir de alguns aspectos, tais como: a) é independente do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; b) permite checar, na prática, a sinceridade de certas respostas que as vezes são dadas só para causar boa impressão; c) permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; e d) permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial.

Vale ressaltar que para Otávio Cruz Neto (*apud* MINAYO,1994), a importância dessa técnica reside no fato de se poder captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o concreto e o simbólico da vida real.

A inserção em campo está relacionada com as diferentes situações da observação participante desejada pelo pesquisador. De um lado se tem a participação plena, caracterizada por um envolvimento por inteiro em todas as dimensões da vida do grupo a ser estudado. Noutro, se observa um distanciamento da participação da vida do grupo, tendo como prioridade somente a observação. Ambos os extremos mencionados envolvem riscos que devem ser avaliados antes da entrada em campo (*apud* MINAYO,1994).

Entre esses extremos encontram-se as variações da técnica. Uma dessas variações diz respeito ao papel do pesquisador enquanto participante - observador. Nessa situação, o pesquisador deixa claro para si e para o grupo, sua relação como sendo restrita ao momento da pesquisa de campo. Sendo assim, ele pode desenvolver uma participação no cotidiano do grupo estudado, através da observação de eventos do dia a dia. Outra variação se refere ao pesquisador enquanto observador - participante, correspondendo a uma estratégia complementar às entrevistas, sendo que essa observação se dá de forma rápida e superficial. Essas variações só podem ser concebidas para fins de análise. Na realidade, nenhuma delas ocorre puramente, salvo em condições especiais (*apud* MINAYO,1994).

Chizzotti (2001) enfatiza que a observação participante foi abandonada durante algumas décadas e que sua ressurgência tem auxiliado interpretações mais globais das situações analisadas. Exige, porém, cuidados e um registro adequado para garantir a confiabilidade dos dados e para eliminar impressões meramente emotivas, deformações subjetivas e interpretações fluidas, sem dados comprobatórios. Nesse sentido pode-se afirmar que o campo é soberano para aportar dados, que de fato fundamentem as análises dele derivadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias que compuseram o presente artigo foram apresentadas com o intuito de demonstrar a possibilidade do uso da observação participante enquanto importante método e técnica de coleta de dados no campo da educação e saúde. Mesmo considerando a participação direta do pesquisador no seu campo de pesquisa e os riscos e equívocos que esse possa cometer, não deixa de permitir e potencializar a sistematização na coleta dos dados no trabalho de campo.

A elaboração do texto norteia-se pela valorização das pesquisas qualitativas que, fazendo um contraponto à perspectiva positivista, se colocam como uma perspectiva possível nas ciências humanas e sociais. Com esse intuito a apresentação de uma breve conceituação sobre o objeto de estudo da pesquisa qualitativa e seu histórico se fizeram necessárias.

Com a intenção de demonstrar que o uso da observação participante está respaldado e ratificado por alguns estudiosos foi trazido aqui um breve apanhado como base em autores de referência na conceituação do trabalho de campo, sendo esses: Malinowski, Bourdieu e Kosik. Vale ressaltar, ainda, que outros poderiam ter sido citados, no entanto esses foram escolhidos, pois demonstraram a importância da participação do pesquisador no seu campo de pesquisa sem deixar de enfatizar a necessidade de organização e cuidados frente aos registros e a análise dos dados.

Do intercruzamento entre diferentes autores se construiu o tópico “A Observação Participante como Método de Coleta de Dados” explanando-se sobre as possíveis vantagens e desvantagens da observação participante e os cuidados necessários ao adotar alguma variação da técnica.

Para finalizar afirma-se que a observação participante, ainda que sofrendo críticas de alguns, pode ser utilizada enquanto um recurso instrumental que permite o comprometimento e uma liberdade dotada de relativa autonomia por parte do pesquisador. Isso nos remete ao aspecto de que no campo de pesquisa a relação indivíduo e sociedade se dá na subjetividade socializada, ou seja, o campo científico se faz pela “objetivação participante”, como bem afirmou Bourdieu, sendo esse dotado das implicações subjetivas não apenas do sujeito estudado e de seus momentos, mas também, daquele que pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais- Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2ª. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BOURDIEU, P. **Introdução a uma Sociologia Reflexiva**. In: BOURDIEU, P. **O Poder do Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 1989 (Memória e Sociedade).

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis –RJ: Vozes, 2003.

HERCULANO, Selene. **Elementos Para Um Debate Sobre A Interdisciplinaridade**. Publicado em Meio Ambiente: questões conceituais. Niterói, UFF/PGCA-Riocor, 2000, p.177–212). Disponível em <http://www.professores.uff.br/seleneherculano/publicacoes>. Acesso em: 19.07.08.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Trad. Célia Nunes e Alderico Toríbio. 2ª. ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora). **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis –RJ: Vozes, 1994.

_____. **O Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 9ª. ed. São Paulo-SP; Editora HUCITEC. 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Estud. av. vol.2 no.2 São Paulo May/Aug. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 20.07.08.

Recebido: 31/10/2021.

Aceito: 10/12/2021.

Autores

Alexsandra de França

Discente do curso de bacharelado em psicologia da Faculdade Santa Maria, Cajazeiras/PB, e-mail alexsandrafsm123@gmail.com

Fernanda Lúcia Pereira Costa

Docente e coordenadora de extensão e pesquisa da Faculdade Santa Maria, Cajazeiras/PB, e-mail fernandaluciapereiracosta@gmail.com

Renato dos Santos Fernandes

Discente do curso de bacharelado em psicologia da Faculdade Santa Maria, Cajazeiras/PB, e-mail renato.fernandes@riovale.com.br

Wescley de Lira Mota

Discente do curso de bacharelado em direito da Faculdade Santa Maria, Cajazeiras/PB, e-mail wescley.lira@estudante.ufcg.edu.br

Denise Machado Duran Gutierrez

Docente da faculdade de psicologia da Universidade Federal do Amazonas, e-mail ddgutie@ufam.edu.br